

Tomando Decisões Bíblica

Lição 10

A Perspectiva Existencial:
Escolhendo O Bem



thirdmill

Biblical Education. For the World. For Free.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma, ou para fins lucrativos, exceto em breves citações para os propósitos de revisão e comentários, sem a permissão da editora Third Millennium Ministries, Inc. 316 Live Oaks Blvd., Casselberry, Florida 32707.

A menos que indicado de outra forma, todas as citações das Escrituras são da Bíblia Sagrada, Standard Version® (ESV®), copyright © 2001 por Crossway um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

SOBRE O THIRD MILLENNIUM MINISTRIES

Fundado em 1997, Third Millennium Ministries é uma organização cristã sem fins lucrativos dedicada a proveer:

Educação Bíblica, Grátis, Para o Mundo

Nosso objetivo é oferecer educação cristã gratuita a centenas de milhares de pastores e líderes cristãos em todo o mundo que não possuem treinamento suficiente para o ministério. Atingimos esse objetivo produzindo e distribuindo globalmente um currículo de seminário multimídia sem paralelo em inglês, árabe, mandarim, russo e espanhol. Nosso currículo também está sendo traduzido para mais de uma dúzia de outros idiomas por meio de nossos ministérios parceiros. O currículo consiste em vídeos com gráficos, instruções impressas e recursos da Internet. Ele foi projetado para ser usado por escolas, grupos e indivíduos, tanto online quanto em comunidades de aprendizagem.

Ao longo dos anos, desenvolvemos um método altamente econômico de produzir lições de multimídia premiadas com o melhor conteúdo e qualidade. Nossos escritores e editores são educadores teologicamente treinados, nossos tradutores são falantes nativos teologicamente de seus idiomas-alvo e nossas lições contêm as idéias de centenas de respeitados professores e pastores de todo o mundo. Além disso, nossos designers gráficos, ilustradores e produtores aderem aos mais altos padrões de produção usando equipamentos e técnicas de ponta.

Para cumprir nossas metas de distribuição, a Thirdmill estabeleceu parcerias estratégicas com igrejas, seminários, escolas bíblicas, missionários, emissoras cristãs e provedores de televisão por satélite e outras organizações. Essas relações já resultaram na distribuição de inúmeras vídeo-aulas para líderes indígenas, pastores e estudantes do seminário. Nossos sites também servem como vias de distribuição e fornecem materiais adicionais para complementar nossas lições, incluindo materiais sobre como iniciar sua própria comunidade de aprendizado.

Thirdmill é reconhecido pelo IRS como uma corporação 501 (c) (3). Dependemos das contribuições generosas e dedutíveis de impostos de igrejas, fundações, empresas e indivíduos. Para mais informações sobre o nosso ministério e para saber como você pode se envolver, visite www.thirdmill.org.

Conteúdo

| | |
|--|-----------|
| I. Introdução | 1 |
| II. Adquirindo Conhecimento | 2 |
| A. Experiência | 2 |
| 1. Física | 3 |
| 2. Mental | 4 |
| B. Imaginação | 5 |
| 1. Criatividade | 5 |
| 2. Tempo | 6 |
| 3. Distância | 7 |
| III. Avaliando o Conhecimento | 8 |
| A. Razão | 8 |
| B. Consciência | 10 |
| C. Emoções | 11 |
| IV. Aplicando Conhecimento | 13 |
| A. Coração | 13 |
| 1. Compromisso | 14 |
| 2. Desejos | 15 |
| B. Vontade | 16 |
| V. Conclusão | 18 |

Tomando Decisões Bíblicas

Lição 10

A Perspectiva Existencial: Escolhendo O Bem

INTRODUÇÃO

Você já pensou em todas as desculpas que as pessoas têm para não fazer a coisa certa? Quando as crianças não fazem o dever de casa, ou os funcionários não fazem o trabalho, ou os amigos não cumprem suas promessas, o que eles dizem? Talvez eles não tivessem as informações de que precisavam, então a desculpa deles é: “Eu não sabia”. Ou talvez eles não entendessem as informações que tinham, então dizem: “Eu não sabia que deveria fazer isso. Ou talvez eles simplesmente preferiram fazer a coisa errada, então eles admitem: “Eu não fiz”.

Bem, o fato é que, para fazer a coisa certa no final, normalmente temos que fazer muitas outras coisas ao longo do caminho. Temos que obter as informações certas, temos que avaliá-las corretamente e temos que aplicá-las da maneira correta.

Esta é a décima lição da nossa série Tomando Decisões Bíblicas. E nós intitulamos esta lição “A Perspectiva Existencial: Escolhendo o Bem”. Nesta lição, exploraremos como os cristãos realmente tomam decisões éticas — como escolhemos o bem. E daremos especial atenção às maneiras pelas quais nossas habilidades e capacidades pessoais contribuem para essas escolhas.

Ao longo dessas lições, ensinamos que o julgamento ético envolve a aplicação da Palavra de Deus a uma situação de uma pessoa. E temos destacado três elementos desse modelo: a Palavra de Deus, a situação e a pessoa.

Quando nos aproximamos da ética com foco na Palavra de Deus, estamos usando a perspectiva normativa. E quando prestamos atenção a circunstâncias como fatos, objetivos e meios, estamos empregando a perspectiva situacional. Finalmente, quando nos concentramos nas pessoas envolvidas na tomada de decisões éticas, estamos olhando para as questões a partir da perspectiva existencial. Cada uma dessas perspectivas contribui para as escolhas éticas, fornecendo informações sobre Deus, sobre nossa situação e sobre nós mesmos. E todos eles estão intimamente interligados. Nesta lição, examinaremos mais uma vez a perspectiva existencial, desta vez focalizando as maneiras pelas quais usamos nossas faculdades pessoais no processo de escolher fazer o bem.

Os seres humanos usam uma variedade de capacidades e habilidades para tomar decisões éticas. Nesta lição, nos referiremos a essas habilidades como nossas faculdades existenciais. Há muitas maneiras de descrever essas faculdades, mas as resumiremos em termos de sete capacidades e habilidades: experiência, imaginação, razão, consciência, emoções, coração e vontade. Agora, há muita sobreposição entre essas faculdades existenciais. Eles estão profundamente inter-relacionados e interdependentes. Mesmo assim, cada um funciona à sua maneira, por isso é útil olhar para os principais papéis que cada faculdade desempenha na ética.

Nesta lição, agruparemos nossas faculdades existenciais de acordo com as principais maneiras pelas quais elas normalmente nos ajudam a fazer julgamentos éticos. Esses agrupamentos são um pouco artificiais, porque todas as nossas habilidades e capacidades estão em ação em todas as etapas do caminho. Mas também é verdade que

confiamos principalmente em certas faculdades para executar determinadas tarefas, de modo que essas divisões podem ser úteis à medida que pensamos no processo de fazer escolhas éticas.

À medida que exploramos o conceito de escolher o bem, vamos nos concentrar no modo como nossas faculdades existenciais funcionam em três etapas principais do processo de tomada de decisão. Primeiro, veremos as principais faculdades que usamos quando estamos adquirindo conhecimento de nossa situação, de nós mesmos e da Palavra de Deus. Em segundo lugar, consideraremos as capacidades e habilidades que normalmente usamos na avaliação desse conhecimento. E terceiro, nos concentraremos naquelas faculdades que usamos quando aplicamos nosso conhecimento no processo de fazer escolhas éticas. Vamos começar com as principais faculdades que empregamos quando estamos adquirindo conhecimento.

ADQUIRINDO CONHECIMENTO

Consideraremos duas das faculdades mais básicas que são críticas para adquirir conhecimento. Primeiro, vamos considerar como confiamos na experiência. Em segundo lugar, veremos as maneiras pelas quais nossa imaginação contribui para nosso conhecimento. Vamos começar com a forma como a experiência nos ajuda a adquirir o conhecimento que precisamos ter ao tomar decisões éticas.

EXPERIÊNCIA

Por mais óbvio que possa parecer, é muito importante lembrar, no estudo da ética, que os seres humanos adquirem conhecimento através de muitos tipos diferentes de experiências. Conhecemos pessoas porque temos a experiência de vê-las, conversar com elas e assim por diante. Sabemos como são as emoções porque sentimos medo, amor, raiva e coisas do tipo. Sabemos sobre alguns eventos diretamente porque vivemos através deles, experimentando-os em primeira mão. Sabemos indiretamente sobre outros eventos porque tivemos a experiência de ler sobre eles ou de aprender sobre eles através de algum outro meio. Quando falamos de experiência nesta lição, teremos esses e outros tipos de experiências em mente.

Para nos ajudar a resumir todos esses diferentes tipos de experiências, definiremos a experiência como consciência de pessoas, objetos e eventos. Cada experiência produz conhecimento de algum tipo, seja sobre Deus, o mundo ao nosso redor ou nós mesmos. E esse conhecimento nos ajuda a discernir o bem do mal.

Ao considerarmos a experiência com mais detalhes, vamos olhar em duas direções. Primeiro, nos concentraremos em nossas interações físicas ou sensoriais com o mundo ao nosso redor. Em segundo lugar, abordaremos nossas experiências mentais, essas experiências que temos em nossas próprias mentes. Vamos começar com nossa interação física com o mundo ao nosso redor.

Física

Nossa interação física com o mundo ocorre através da nossa percepção sensorial — nossa visão, audição, olfato, paladar e tato. Esses cinco sentidos representam as principais maneiras pelas quais obtemos informações sobre Deus, pessoas, objetos, nosso ambiente e os muitos eventos que ocorrem. Por exemplo, sabemos sobre outras pessoas porque as vemos e conversamos com elas e as tocamos. Aprendemos sobre os eventos quando os testemunhamos, lemos sobre eles ou ouvimos relatos sobre eles. Aprendemos sobre a glória de Deus lendo sua Palavra, ouvindo os outros falarem sobre ele e observando a grandeza de sua criação.

Claro, a Escritura às vezes chama a atenção para as limitações de nossos sentidos. Por exemplo, em 2 Coríntios 5:7, Paulo escreveu:

Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos (2 Coríntios 5:7).

Como Paulo indicou aqui, nossos sentidos são limitados em sua capacidade de nos dar conhecimento sobre o futuro de nossa salvação. Sim, usamos nossa visão para ler a Palavra de Deus, mas é preciso algo mais do que percepção sensorial para nos convenceremos de que a Palavra de Deus é verdadeira — é preciso fé, crença em coisas que estão além da experiência sensorial direta.

Mas, além dessas limitações, Deus nos deu nossos sentidos como ferramentas importantes para obter conhecimento. Como resultado, nossos sentidos tendem a ser confiáveis, ensinando-nos coisas verdadeiras sobre Deus, a criação ao nosso redor e a nós mesmos. Agora, precisamos estar conscientes de que a queda da humanidade no pecado afetou nossas percepções sensoriais. Não apenas as doenças e outras anormalidades limitam nossas habilidades físicas, mas às vezes também encontramos ilusões. Às vezes pensamos que ouvimos ou vemos ou sentimos algo que não está realmente lá. Mas, em geral, nossos sentidos são confiáveis. Considere as palavras de João em 1 João 1:1-3:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam — isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. Nós lhes proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo (1 João 1:1-3).

João falou de visão, audição e tato como sentidos confiáveis que deram a ele e a outros verdadeiros conhecimentos sobre Jesus. Da mesma forma, aqueles que lêem as palavras de João usam seus sentidos para perceber as palavras de João, ouvir e ler seu testemunho, para que também eles possam ter conhecimento da verdade.

De maneira semelhante, o Salmo 34:8 nos encoraja com estas palavras:

Provem e vejam que o Senhor é bom (Salmo 34:8).

Como Davi ensinou aqui, o fato de termos comida para comer é prova de que Deus é bom; nos ensina que ele nos ama e nos provê. E embora não possamos ver Deus fisicamente, nossa consciência de sua bondade pode ser descrita metaforicamente como ver, já que nos dá conhecimento sobre ele. Assim, tanto o nosso paladar quanto a nossa experiência de comer nos dão conhecimento verdadeiro sobre Deus.

É também através de nossos sentidos que aprendemos sobre as normas de Deus conforme elas são reveladas através de revelações especiais e gerais. É através de nossos sentidos físicos que aprendemos sobre os muitos fatos, objetivos e meios de nossas situações. E é através dos nossos sentidos que aprendemos muito sobre nós mesmos. Sim, precisamos ter cuidado para usar nossos sentidos corretamente. E precisamos usar as Escrituras e nossas outras faculdades para confirmar o conhecimento que obtemos através de nossos sentidos. Mas também devemos reconhecer que nossos sentidos são geralmente confiáveis, ferramentas dadas por Deus, e que o conhecimento que adquirimos através deles é crítico para a ética cristã.

Tendo considerado a interação física com o mundo como uma parte importante de nossa experiência, estamos prontos para falar de nossas experiências mentais, aquelas experiências que ocorrem em nossas mentes.

Mentes

Nossos sentidos nos fornecem informações, mas até que essas informações entrem em nossos processos internos de pensamento, nossas experiências não resultam em conhecimento. Agora, desde o início, devemos reconhecer que, ao longo da história, a relação entre percepções sensoriais e conceitos mentais foi entendida de muitas maneiras diferentes. Mas, para nossos propósitos, iremos ilustrar a conexão de maneira muito simples.

Considere a experiência de ver uma vaca. Quando vejo a vaca, meu olho envia uma imagem dela para o meu cérebro. Esta é a experiência sensorial física da visão. Mas a experiência de saber que o animal é uma vaca é mental. Meus olhos não dizem à minha mente que a imagem é uma vaca. Pelo contrário, é minha mente que interpreta a imagem como uma vaca. Somente quando minha mente experimentou a imagem da vaca, minha visão resulta em conhecimento.

De maneira semelhante, todas as nossas experiências mentais são vitais para ganhar conhecimento. Auto-reflexão, introspecção, emoções, memórias, imaginações, planos para o futuro, luta com problemas, consciência de Deus, convicção do pecado — estas são todas atividades internas que experimentamos.

Agora, assim como nossa experiência física, nossa experiência mental é afetada pelo pecado. Às vezes cometemos erros em nosso pensamento ou acreditamos que vivenciamos coisas que realmente não aconteceram. Portanto, precisamos ter cuidado para confirmar nossas experiências com as Escrituras e nossas outras faculdades. Mas também devemos reconhecer que o Espírito Santo usa nossas experiências mentais para nos ensinar o conhecimento verdadeiro.

Quando pensamos em nossas experiências mentais dessa maneira, é fácil ver que todo o processo de obtenção de conhecimento pode ser avaliado a partir da perspectiva de

nossa experiência mental. Quer nosso conhecimento venha da leitura de livros ou da observação de eventos, ele finalmente reside em nossas mentes. E por esse motivo, a experiência mental é fundamental para obter e processar conhecimento.

Com essa compreensão da experiência em mente, estamos prontos para nos voltarmos para a segunda faculdade existencial que usamos para adquirir conhecimento, ou seja, a imaginação. A imaginação é, às vezes, considerada uma forma ilegítima de buscar o conhecimento, como se isso implicasse necessariamente falsidade ou mesmo engano. Mas, como veremos, a Bíblia tem muitos usos positivos para a imaginação.

IMAGINAÇÃO

Nesta lição, usaremos o termo imaginação simplesmente para nos referirmos à nossa capacidade de formar imagens mentais de coisas que estão além da nossa experiência. À primeira vista, pode parecer estranho pensar na imaginação como uma maneira de adquirir conhecimento ético. Mas, como veremos, nossas habilidades imaginativas são vitais para aprender e pensar sobre Deus, o mundo e nós mesmos.

Vamos explorar o conceito de imaginação de três maneiras. Primeiro, falaremos da imaginação como uma forma de criatividade. Em segundo lugar, vamos considerar os modos como a imaginação nos permite pensar sobre assuntos que existem em diferentes períodos de tempo. E terceiro, veremos como a imaginação nos permite pensar sobre coisas que são separadas de nós pela distância física. Começaremos com a ideia de que a imaginação é uma forma de criatividade.

Criatividade

Uma maneira típica de pensar a imaginação como criatividade é considerar os passos que os artistas tomam ao desenhar imagens. Eles geralmente começam por conceituar os desenhos, formando imagens mentais de como serão os desenhos acabados. Quando eles começam a desenhar, eles imaginam os resultados de cada pincelada antes que eles o façam. Se o rascunho coincidir com o que eles tinham em mente, eles geralmente ficam satisfeitos. Mas se não coincidir com a imagem em suas mentes, eles podem alterar o que desenharam. Esse processo de imaginação e pintura continua até que o trabalho seja concluído.

De um modo semelhante, a imaginação está envolvida em tudo o que fazemos ou criamos. Usamos nossa imaginação todos os dias para simples atos de criatividade, como decidir que tipo de comida vamos cozinhar ou até mesmo decidir o que dizer em uma conversa. E usamos nossa imaginação de muitas outras formas criativas também. Os cientistas usam suas imaginações para apresentar teorias e maneiras de testar suas teorias. Inventores usam sua imaginação para criar novas tecnologias e dispositivos. Arquitetos usam sua imaginação para projetar edifícios e pontes. E professores e pregadores usam sua imaginação enquanto escrevem lições e sermões.

Ouçã o relato desse evento em 2 Samuel 12:1-7:

[Natã] disse a Davi: “Dois homens viviam numa cidade, um era rico e o outro, pobre ... [O] pobre nada tinha senão uma cordeirinha ... Ele a criou, e ela cresceu com ele e com seus filhos. Ela comia junto dele, bebia do seu copo e até dormia em seus braços. Era como uma filha para ele ... o homem rico ... preparou para o visitante a cordeira que pertencia ao pobre.” Davi encheu-se de ira contra o homem e disse a Natã: “Juro pelo nome do Senhor que o homem que fez isso merece a morte!” ... Então Natã disse a Davi: “Você é esse homem!” (2 Samuel 12:1-7).

Sob a inspiração do Espírito Santo, Natã criou uma situação ética imaginária, um caso legal imaginário. E pediu a Davi que tirasse uma conclusão moral dessa situação imaginária. O sucesso do confronto de Natã dependeu da sua capacidade e da capacidade de Davi de imaginar criativamente.

Como este exemplo bíblico ilustra, a imaginação nos permite formar e reconhecer padrões morais e analogias. Por exemplo, ao examinarmos as Escrituras, encontramos muitos exemplos específicos de coisas que Deus abençoou e amaldiçoou, e também encontramos muitos princípios gerais que explicam como Deus determina o que abençoar e o que amaldiçoar. E entender como esses princípios gerais se relacionam com os exemplos específicos é, até certo ponto, uma questão de imaginação criativa. Criamos conexões entre os princípios e exemplos e testamos essas conexões imaginando contra-exemplos. Então, imaginamos formas consistentes de aplicar os mesmos princípios em nossas próprias vidas.

É claro que, mais uma vez, devemos lembrar que a corrupção do pecado pode nos levar a imaginar todo tipo de erro, por isso temos que usar nossas outras faculdades para garantir que as conclusões de nossa imaginação concordem com a Palavra de Deus. Mas ainda podemos ter um bom grau de confiança em nossa imaginação quando a usamos com cuidado e com razão, porque o Espírito Santo nos deu essa faculdade como uma ferramenta confiável para avaliar o conhecimento ético.

Mas além de usar a imaginação para a criatividade, também podemos usá-la para nos ajudar a pensar sobre coisas que são separadas de nós pelo tempo — coisas que não existem no momento em que estamos pensando sobre elas.

Tempo

Considere Jesus. Ele não está mais na terra ensinando seus doze discípulos. Ele não está mais morrendo na cruz, nem ressuscitando dos mortos, nem subindo ao céu. Então, para entender e aplicar o ministério de Jesus às nossas decisões éticas, temos que usar nossa capacidade de imaginar o passado.

Por exemplo, a Bíblia exige que busquemos bons objetivos, especialmente a glorificação de Deus através do triunfo de seu reino. Mas esse objetivo está no futuro. Temos que imaginá-lo para persegui-lo. E também temos que usar nossa imaginação para descobrir quais são os meios que devemos usar para alcançar esse objetivo. Em suma, sem a nossa capacidade de imaginar o futuro, não poderíamos aplicar a Palavra de Deus às nossas vidas.

Tendo olhado para a imaginação em termos de criatividade e tempo, devemos nos voltar para o modo como a imaginação nos ajuda a pensar sobre coisas que são separadas de nós pela distância. Assim como as coisas podem ser separadas de nós pelo tempo, elas também podem ser separadas de nós pela distância física.

Distância

Por exemplo, poucos de nós visitaram a ilha de Malta, onde o apóstolo Paulo naufragou em sua viagem a Roma. Mas o fato de nunca termos visto a ilha por nós mesmos não significa que não possamos imaginá-la. De fato, até certo ponto, quando lemos o relato bíblico do tempo de Paulo em Malta no livro de Atos, não podemos evitar imaginá-la.

Você vê, quando as pessoas e as coisas estão tão distantes de nós que estão além do alcance de nossos sentidos, elas não são parte de nossa experiência momentânea. E como eles não fazem parte da nossa experiência, temos que usar nossa imaginação para pensar neles. Naturalmente, as informações que recebemos sobre essas coisas distantes são falíveis, e assim são nossos pensamentos sobre elas. Portanto, precisamos confiar fortemente no Espírito Santo para nos ajudar a avaliar nossa imaginação de acordo com a Palavra de Deus e harmonizá-la com nossas outras habilidades e capacidades. Quando usada corretamente, nossa imaginação é extremamente útil para pensar sobre coisas que estão distantes de nós.

Considere o caso do apóstolo Paulo durante um de seus períodos de prisão. De acordo com Filipenses 2:25 e 4:18, quando a igreja de Filipos ouviu que Paulo estava na prisão e em necessidade, eles enviaram um presente monetário para apoiá-lo e um pastor para cuidar dele. Esta foi uma boa escolha ética. Levou em conta os fatos, estabeleceu um objetivo divino e, então, criou os meios para alcançar esse objetivo.

Mas observe como esse processo dependeu da imaginação para abranger a distância entre Paulo e os filipenses. Paulo não estava presente à experiência dos filipenses, então eles usaram sua imaginação para entender os fatos da situação de Paulo. Então eles usaram sua imaginação para estabelecer a meta de mudar as circunstâncias de Paulo em sua prisão distante. Finalmente, eles imaginaram os meios que os capacitariam a cruzar a distância entre eles e Paul para alcançar seu objetivo. Em cada passo desse processo, a imaginação permitiu aos filipenses pensar sobre coisas que existiam a alguma distância além de sua experiência física.

Por agora, deve ficar claro que o processo de aquisição de conhecimento depende muito da experiência e da imaginação. Quer estejamos investigando as dimensões éticas da Palavra de Deus, nossa situação ou até a nós mesmos, geralmente adquirimos nosso conhecimento através dessas faculdades existenciais.

Agora que consideramos a aquisição de conhecimento como um passo no processo de escolha do bem, estamos prontos para recorrer à avaliação do conhecimento, a etapa em que avaliamos as informações que recebemos.

AVALIANDO O CONHECIMENTO

Falaremos de algumas das maneiras pelas quais três faculdades existenciais específicas nos ajudam em nossa tarefa de avaliar o conhecimento. Primeiro, mencionaremos a razão ou o intelecto, que é nossa faculdade mais lógica. Em segundo lugar, abordaremos nossa consciência, nossa capacidade de reconhecer o bem e o mal. E terceiro, nos concentraremos em nossas emoções como indicadores intuitivos de certo e errado. Vamos começar com a razão, a faculdade pela qual ordenamos nossos pensamentos de uma maneira lógica.

RAZÃO

Infelizmente, os cristãos muitas vezes vão ao extremo quando pensam sobre o papel da razão na ética. De um lado, algumas tradições teológicas dão mais atenção à razão do que qualquer uma de nossas outras faculdades existenciais. Esses teólogos às vezes falam da “primazia do intelecto” como se nossa razão fosse confiável acima de todas as outras habilidades e capacidades. Mas devemos sempre lembrar que, para usar a razão corretamente, precisamos empregá-la em harmonia com nossas outras faculdades. Por outro lado, algumas tradições vão para o extremo oposto, às vezes até vendo a razão como um inimigo, como se usar o intelecto humano fosse ignorar a liderança pessoal do Espírito Santo. Mas a verdade é que nosso intelecto vem de Deus e que o Espírito Santo nos ajuda a usá-lo corretamente. Portanto, tem um papel importante a desempenhar em nosso processo de tomada de decisão.

Para nossos propósitos, a razão pode ser definida como a capacidade de fazer inferências lógicas e julgar consistência lógica. Em um contexto cristão, o raciocínio correto é a capacidade de pensar de maneira coerente e ordenada e de fazer julgamentos que estejam de acordo com padrões bíblicos de pensamento.

A razão entra em jogo em muitas áreas do estudo da ética cristã. Mas neste ponto de nossa lição, estamos mais interessados em como isso nos permite compreender nossa situação, tanto nos ajudando a entender os fatos, quanto nos possibilitando comparar esses fatos com as normas reveladas na Palavra de Deus.

Como já vimos, em um nível básico, até mesmo o conhecimento que adquirimos através de nossa experiência sensorial requer uma medida de raciocínio. Toda vez que os dados sensoriais são processados mentalmente, estamos exercitando a razão em algum grau.

Pense mais uma vez na maneira como nosso olho envia a imagem da vaca para o nosso cérebro. Nosso cérebro registra a imagem, mas é nossa razão que reconhece a imagem como sendo uma vaca. Avaliamos as qualidades visíveis da imagem, comparamos a imagem ao nosso conhecimento existente e determinamos que a imagem é uma vaca. Este nível básico de conhecimento envolve a razão.

E em um nível mais complexo, a razão nos permite comparar fatos diferentes uns aos outros mais extensivamente para determinar suas relações lógicas.

Por exemplo, vamos considerar uma ilustração muito simples de raciocínio sobre dois fatos. Por um lado, temos a afirmação “Davi está doente”. E por outro lado, temos a

afirmação “Deus pode curar os enfermos”. A primeira declaração declara o fato da saúde debilitada de Davi, e a segunda declaração declara fato da capacidade de Deus.

A razão nos diz que a doença de Davi é um exemplo específico da categoria mais geral de doença. Talvez ele tenha gripe, ou resfriado ou pneumonia. Seja o que for, está incluído na categoria mais ampla de doenças que Deus pode curar. Isso nos permite tirar uma conclusão implícita, mas não mencionada no fato inicial: Deus pode curar Davi.

Quando somos desafiados a tomar decisões bíblicas, devemos aplicar um raciocínio semelhante aos fatos de nossa situação, determinando como eles se relacionam uns com os outros.

A razão também nos ajuda a relacionar as declarações de fatos com as declarações de dever. Neste processo, comparamos os fatos de nossa situação com as exigências das normas de Deus. Considere as declarações “Davi está doente” e “Devemos orar pelos enfermos”. “Davi está doente” ainda é uma declaração de fato, mas “Devemos orar pelos enfermos” é uma declaração de dever. Nos diz o que Deus requer de nós. Quando usamos o raciocínio moral para avaliar essas afirmações, podemos obter uma conclusão ética específica: devemos orar por Davi.

Naturalmente, há muitas outras maneiras que devemos raciocinar em ética. Usamos a razão quando argumentamos do menor para o maior, como Jesus fez quando ensinou que, uma vez que Deus alimenta os pássaros, que têm pouco valor, ele também alimentará seu povo que tem grande valor. Nós também usamos a razão quando falamos sobre eventos que são condicionais, como quando Deus inundou a terra nos dias de Noé porque as ações pecaminosas da humanidade satisfizeram as condições necessárias para a sua destruição. A lista poderia continuar.

Infelizmente, os cristãos às vezes acreditam que a Bíblia nos ensina a não usar a razão na ética. Eles pensam que, de alguma forma, devemos desligar nossas capacidades lógicas quando obedecemos a Deus. Mas nada poderia estar mais longe da verdade. As escrituras usam a razão o tempo todo, e regularmente nos chama a fazer o mesmo. Constantemente apresenta argumentos morais lógicos. E porque a Bíblia é infalível, sua lógica é um modelo perfeito para nosso raciocínio ético.

É claro que sempre precisamos nos lembrar de que a influência corrupta do pecado chegou até a nossa capacidade de raciocinar. Como resultado, a razão humana caída nunca pode ser tão perfeita quanto o raciocínio que encontramos nas Escrituras. Então, para ganhar confiança, devemos confirmar nossas conclusões com nossas outras faculdades, com outras pessoas e especialmente com a Palavra de Deus. Além disso, como dissemos no início desta seção, devemos confiar no poder e na presença interior do Espírito Santo para realizar isso de maneira que agrade a Deus. Quando usamos a razão dessas maneiras, é uma ferramenta muito útil para avaliar o conhecimento que adquirimos.

Com essa compreensão da razão em mente, estamos prontos para discutir as maneiras pelas quais nossa consciência nos permite avaliar nosso conhecimento ético. Como a consciência humana nos ajuda a avaliar as informações que adquirimos?

CONSCIÊNCIA

Para os nossos propósitos nesta lição, definiremos nossa consciência como nossa capacidade dada por Deus para discernir o bem e o mal. É o sentimento de convicção de que nossos pensamentos, palavras e ações são agradáveis ou ofensivos a Deus. Ouça o modo como 2 Coríntios 1:12 revela a confiança de Paulo em sua consciência:

A nossa consciência dá testemunho de que nos temos conduzido no mundo, especialmente em nosso relacionamento com vocês, com santidade e sinceridade provenientes de Deus (2 Coríntios 1:12).

Paulo e Timóteo estavam convencidos de que haviam se comportado de maneira que Deus aprovou. Sua consciência aprovou suas ações. Nesse caso, sua consciência deu-lhes a verdadeira afirmação de que seu comportamento era agradável a Deus.

Em outros casos, quando pecamos, nossa consciência pode nos condenar como culpados e nos encorajar a nos arrependermos. Por exemplo, quando o rei Davi, pecaminosamente, fez o censo de seus guerreiros, sua consciência condenou suas ações e levou-o a se arrepender. Ouça o registro disto em 2 Samuel 24:10:

Depois de contar o povo, Davi sentiu remorso e disse ao Senhor: “Pequei gravemente com o que fiz! Agora, Senhor, eu imploro que perdoes o pecado do teu servo, porque cometi uma grande loucura!” (2 Samuel 24:10).

Aqui a palavra traduzida “remorso” é *lev*, que literalmente significa “coração”. Mas neste caso a palavra “coração” refere-se ao conceito de consciência, a capacidade de Davi de distinguir o bem do mal.

Nesse sentido, a consciência nos permite avaliar o conhecimento que adquirimos e julgá-lo contra o padrão da Palavra de Deus. A consciência nos aprova quando acreditamos que estamos agindo de acordo com a Palavra de Deus e nos condena quando acreditamos que estamos violando a Palavra de Deus.

Como todas as nossas outras habilidades e capacidades existenciais, nossa consciência foi corrompida pelo pecado. Portanto, é certo que nossa consciência comete erros de tempos em tempos. Ele erra aprovando algo que é realmente pecaminoso ou condenando algo que é realmente bom. Em ambos os casos, o resultado é que entendemos mal o que Deus quer que façamos. Por exemplo, ouça o ensinamento de Paulo em 1 Coríntios 8:8-11:

A comida, porém, não nos torna aceitáveis diante de Deus; não seremos piores se não comermos, nem melhores se comermos. Contudo, tenham cuidado para que o exercício da liberdade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos. Pois, se alguém que tem a consciência fraca vir você ... comer num templo de ídolos, não será induzido a comer do que foi sacrificado a ídolos? Assim, esse irmão fraco ... é destruído por causa do conhecimento que você tem (1 Coríntios 8:8-11).

Paulo ensinou que era aceitável que os crentes com consciências fortes e bem informadas comessem alimentos que haviam sido sacrificados a ídolos. Mas se eles tinham consciências fracas e erroneamente acreditavam que era errado comer comida de ídolo, então tornou-se pecado para eles comerem. E o inverso também é verdade. É pecado fazer coisas que Deus proíbe, mesmo que nossas consciências digam que essas coisas são boas. Considere as palavras de Paulo em 1 Coríntios 4:4:

Embora em nada minha consciência me acuse, nem por isso justifico a mim mesmo; o Senhor é quem me julga (1 Coríntios 4:4).

A consciência de Paulo era clara porque ele acreditava ter feito a coisa certa. Mas ele sabia que ter uma consciência clara ou boa não era suficiente, porque nossas consciências podem cometer erros.

Não surpreendentemente, a solução para a influência corruptora do pecado é confiar no poder do Espírito Santo que trabalha dentro de nós enquanto nos esforçamos para conformar nossa consciência à Palavra de Deus. Na medida que o Espírito Santo nos ajudar a harmonizar nossas faculdades existenciais, podemos corrigir nossa consciência quando ela cai em erro e afirma-la quando julga corretamente.

Agora que falamos sobre razão e consciência, estamos prontos para nos concentrar nas maneiras como usamos nossas emoções para avaliar o conhecimento. Infelizmente, muitos cristãos acreditam que as emoções não devem ter papel algum na tomada de decisões bíblicas, mas, como veremos, as Escrituras insistem que as emoções têm um papel muito importante a desempenhar.

EMOÇÕES

Emoções são sentimentos interiores; eles são os aspectos afetivos de nossa sensibilidade ética. A Bíblia não tende a falar sobre emoções abstratamente ou como um grupo. Mas fala muito sobre emoções individuais, como amor, ódio, raiva, medo, alegria, tristeza, ansiedade, contentamento e afins. Então, para ver as maneiras como usamos as emoções para avaliar o conhecimento, veremos como várias emoções particulares podem nos ajudar a interpretar o mundo ao nosso redor.

Emoções são habilidades humanas dadas por Deus que nos permitem avaliar nosso conhecimento de muitas maneiras diferentes. Por exemplo, muitas vezes temos respostas emocionais a situações antes mesmo de nos envolvermos em qualquer reflexão consciente e racional. Nesses casos, nossas emoções fornecem nossa orientação inicial para os fatos. Elas são avaliações imediatas das nossas circunstâncias. Por exemplo, se eu estou atravessando a rua e ouvindo uma buzina alta atrás de mim, minha primeira resposta provavelmente será emocional, como medo ou surpresa. E somente após a reflexão consciente poderei explicar que estava com medo porque senti que poderia estar em perigo.

Em casos como este, é possível dizer que as emoções são baseadas em alguma forma subconsciente de raciocínio. Eu sei que as buzinas de carros frequentemente me alertam para o perigo. Então, quando ouço uma buzina, posso reagir reflexivamente com

a emoção do medo. Mas é difícil identificar qualquer processo racional e ponderado em tal reflexo. Para todas as aparências, acontece muito rápido para eu me envolver em um raciocínio ativo e consciente.

Em vez disso, a emoção é minha primeira reação à experiência, e minha consideração ponderada do evento vem depois. E a mesma coisa é verdade em muitas outras situações éticas. Nossas emoções são frequentemente nossa interpretação inicial dos fatos.

Ouçá o registro do encontro de Daniel com um anjo em Daniel 10:8-17:

Assim fiquei sozinho, olhando para aquela grande visão; fiquei sem forças, muito pálido, e quase desfaleci ... Eu disse àquele que estava em pé diante de mim: Estou angustiado por causa da visão, meu senhor, e quase desfaleço. Como posso eu, teu servo, conversar contigo, meu senhor? Minhas forças se foram, e mal posso respirar (Daniel 10:8-17).

O choque, o terror e a angústia de ver este ser celestial paralisaram Daniel com medo. Ele sentiu suas emoções intensamente antes de poder pensar racionalmente sobre a visão. E sua poderosa experiência emocional influenciou sua resposta à visão, motivando-o a se submeter à mensagem do anjo de Deus.

Ou pense mais uma vez sobre a maneira como o rei Davi reagiu ao profeta Natã em 2 Samuel 12. Davi havia cometido adultério com Bate-Seba e depois matou seu marido Urias para encobrir o adultério. Mas ele nunca sentiu tristeza e contrição por causa de seu pecado, e por isso nunca se arrependeu. A falta dessas emoções o impediu de pensar corretamente sobre seu pecado, o cegando à severidade das suas ações e, assim, o impedindo de se arrepender.

Em resposta à dureza de coração de Deus, Deus enviou Natã para contar a Davi uma parábola sobre um homem rico que havia roubado ovelhas de estimação de um homem pobre e o alimentado a seus convidados. Davi, claro, tinha sido um pastor, e essa história despertou suas emoções. Suas emoções permitiram que ele visse a injustiça na situação e ficou indignado com a ausência de piedade do rico. Então Natã revelou a verdade: a parábola era uma metáfora para as próprias ações de Davi. Davi era o homem rico que havia roubado Bate-Seba do pobre Urias. Davi sabia dos fatos de suas ações há muito tempo. Mas ele foi capaz de ver seu pecado claramente somente quando ele usou suas emoções para medir esses fatos contra o padrão de Deus.

Nossas emoções podem ser ferramentas muito úteis para determinar como a Palavra de Deus se aplica à nossa vida moderna. Sentimentos de compaixão podem nos ajudar a ver a importância de ajudar os necessitados. A agitação da raiva pode nos persuadir do valor de buscar a justiça. Experiências de alegria podem nos capacitar a ver e afirmar a bondade de Deus mesmo em meio a tempos difíceis. O medo pode nos levar a procurar maneiras de evitar o pecado. Sentimentos de culpa podem nos alertar para as vezes em que caímos em pecado. Sentimentos de amor podem nos ensinar como prover, proteger, admoestar e mostrar misericórdia.

É claro que, como o resto de nossas faculdades existenciais, nossas emoções são corrompidas pelo pecado e, portanto, sujeitas a erros. É por isso que devemos aconselhar as pessoas a não seguirem suas emoções cegamente, sem reflexão. Nem todo sentimento

que temos é justo ou exato. Nossas emoções revelam todo o alcance de nossos corações, incluindo nossos pecados e incompreensões. Portanto, devemos sempre ter o cuidado de submetê-los à liderança do Espírito Santo e à orientação da Palavra de Deus, e harmonizá-los com nossas outras habilidades e capacidades dadas por Deus.

Em resumo, sempre que pensamos sobre como os fatos se relacionam uns com os outros, ou sobre como eles se relacionam com nosso dever diante de Deus, estamos avaliando o conhecimento que adquirimos. E nessas avaliações a razão, a consciência e as emoções são ferramentas valiosas que podem nos ajudar a chegar a conclusões agradáveis a Deus.

Até agora, em nossa investigação sobre a escolha do bem, examinamos algumas das faculdades existenciais em que mais confiamos quando estamos adquirindo conhecimento sobre a nossa situação, bem como as principais faculdades em que confiamos quando estamos avaliando esse conhecimento. Agora estamos prontos para nos voltar ao terceiro passo no processo de escolher o bem: aplicar conhecimento. Nesta seção de nossa lição, nos concentraremos nas habilidades e capacidades mais diretamente relacionadas ao ato de decidir.

APLICANDO CONHECIMENTO

Uma vez que nos entendemos corretamente, nossa situação e a Palavra de Deus, estamos finalmente em posição de tomar uma decisão ética. Não é suficiente simplesmente descobrir o que devemos fazer. Nós realmente temos que decidir fazer isso. Temos que fazer uma escolha consciente para fazer a coisa certa, e temos que seguir com essa escolha. E é isso que temos em mente quando falamos sobre aplicar conhecimento. Estamos falando de decisões que resultam em ação.

Nossa discussão sobre a aplicação do conhecimento se concentrará em duas faculdades. Primeiro, falaremos da faculdade mais geral do coração. E segundo, falaremos da faculdade mais específica da vontade. Vamos começar com o coração como o mais geral desses dois.

CORAÇÃO

Como vimos em uma lição anterior, nosso coração é o centro de todo o nosso ser. É a profundidade de nossa pessoa interior e a sede, o quartel general, de nossos motivos — a soma de todas as nossas disposições internas. No vocabulário da Bíblia, há muita sobreposição entre as palavras “coração”, “mente”, “pensamentos”, “espírito” e “alma”.

Para nossos objetivos nesta lição, no entanto, queremos nos concentrar na função do nosso coração no processo de tomada de decisão. Assim, definiremos o coração como a sede, o quartel general, do conhecimento moral e da vontade moral. É toda a nossa pessoa interior considerada a partir da perspectiva do que sabemos e do que fazemos com o nosso conhecimento.

Vamos examinar dois aspectos do coração para ver como ele funciona quando tomamos decisões éticas. Primeiro, investigaremos nossos compromissos sinceros, nossas lealdades básicas. Em segundo lugar, vamos explorar os desejos do nosso coração, as coisas que queremos quando tomamos uma decisão. Começaremos com os compromissos de nossos corações.

Compromissos

Nós temos muitos compromissos na vida. Somos leais a várias pessoas, como nossas famílias, amigos, colegas de trabalho e companheiros cristãos. Estamos comprometidos com organizações, como igrejas, escolas, empresas, governos e até equipes esportivas. Estamos comprometidos com princípios como bondade, honestidade, verdade, beleza e sabedoria. Somos leais a certos estilos de vida, certos padrões de comportamento e preferências por todos os tipos de coisas. E por mais estranho que pareça, porque somos seres humanos caídos, há um sentido em que temos até compromissos com o pecado.

Agora, é claro, não estamos comprometidos com todas essas coisas no mesmo grau. E para o cristão, um compromisso deve estar acima de todos os outros — nosso compromisso com Deus. Este compromisso deve governar a direção fundamental de toda a nossa vida, e todos os nossos outros compromissos devem servir a este mais básico. Como Salomão proclamou em 1 Reis 8:61:

Tenham coração íntegro para com o Senhor, o nosso Deus, para viverem por seus decretos e obedecerem aos seus mandamentos, como acontece hoje (1 Reis 8:61).

E como o profeta Hanani ensinou em 2 Crônicas 16:9:

Pois os olhos do Senhor estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aqueles que lhe dedicam totalmente o coração (2 Crônicas 16:9).

Compromissos são importantes na ética porque, de uma certa forma, eles governam todas as nossas escolhas. Para ser mais específico, escolhemos de acordo com os compromissos que mais nos movem no momento que escolhemos. Quando nossos compromissos justos são os mais fortes, agimos de acordo com nossa sincera lealdade a Deus, e ele julga que nosso comportamento é bom. Mas quando cedemos aos nossos compromissos pecaminosos, Deus julga nosso comportamento como sendo mau. Como Jesus disse em Lucas 6:45:

O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração (Lucas 6:45).

Aqui, Jesus se referiu aos nossos compromissos como as coisas que estão armazenadas em nossos corações. E nossos compromissos sempre se expressam em nossos trabalhos. Por isso, expressamos nosso compromisso com Deus em boas obras e expressamos nosso compromisso com o pecado em obras malignas.

Porque o pecado ainda habita em nós, todo cristão tem compromissos mistos. Alguns de nossos compromissos são bons, sendo parte de nosso compromisso maior com Deus, mas alguns de nossos compromissos são maus, sendo o resultado do pecado em nossos corações. Então, enquanto trabalhamos para tomar decisões bíblicas, temos que estar muito conscientes dos nossos compromissos. Nós nos submetemos ao Espírito Santo enquanto ele trabalha dentro de nós para conformar todos os nossos compromissos com o caráter de Deus, tanto através de nossa compreensão de sua Palavra, como através da contribuição de nossas outras faculdades. E devemos rejeitar e tentar mudar os compromissos que fluem do pecado.

Com essa compreensão de nossos compromissos e lealdades em mente, estamos prontos para pensar sobre nossos desejos. Como nossos desejos e anseios afetam nossas escolhas morais?

Desejos

As escrituras indicam que assim como os cristãos têm compromissos mistos, também temos bons e maus desejos em nossos corações. Quando colocamos nossos corações nas coisas que Deus aprova, nossos desejos são bons. Mas quando colocamos nossos corações nas coisas que ele condena, nossos desejos são maus. Por exemplo, em 2 Timóteo 2:20-22, Paulo deu esta instrução:

Numa grande casa há vasos não apenas de ouro e prata, mas também de madeira e barro; alguns para fins honrosos, outros para fins desonrosos. Se alguém se purificar dessas coisas, será vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra. Fuja dos desejos malignos da juventude e siga a justiça, a fé, o amor e a paz, com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor (2 Timóteo 2:20-22).

Paulo ensinou que devemos purificar nossos corações se livrando de nossos desejos maus, nossos anseios que são motivados pelo pecado interior. Na medida que purificamos os maus desejos de nossos corações, ficaremos apenas com aqueles desejos que agradam ao Senhor.

Purificar nossos corações não é fácil; o pecado é capaz de lutar intensamente. De fato, esta batalha é tão difícil que nunca podemos vencer por nossa própria força. Somente confiando no poder do Espírito Santo podemos esperar vencer essa luta. Mas, como somos pessoas imperfeitas, certamente deixaremos de confiar no Espírito como deveríamos. Ouça as palavras de Paulo em Gálatas 5:17:

Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam (Gálatas 5:17).

E em Romanos 7:15-18 ele escreveu isto:

Não entendo o que faço. Pois não faço o que desejo, mas o que odeio ... não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim ... Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo (Romanos 7:15-18).

Nestes versos Paulo contrastou nossos bons e maus desejos. Por um lado, temos desejos espirituais, desejos que o Espírito Santo nos dá e que são agradáveis a Deus. Por outro lado, temos desejos pecaminosos que vêm de nossa natureza pecaminosa e pecaminosa. E esses dois desejos lutam pelo domínio toda vez que tomamos uma decisão. Quando nos entregamos aos nossos desejos pecaminosos, nossas escolhas são más. Mas quando resistimos a esses desejos pecaminosos e agimos em nossos desejos espirituais, nossas escolhas são boas. E não há outra opção. Existem apenas dois tipos de decisões: o bem e o mal. Toda boa decisão é feita de acordo com os desejos do Espírito Santo, e toda decisão maligna é feita de acordo com desejos pecaminosos.

Na vida cristã, nosso maior desejo deve sempre ser agradar a Deus, fazer sua vontade. Nós odiamos o fato de que desejamos o pecado. Considerados a partir da perspectiva de nossas vidas como um todo, nossas escolhas pecaminosas contradizem nossos desejos. Nós escolhemos pecar mesmo que não desejemos pecar.

Mas considerado a partir do momento de nossa decisão, nossas escolhas nunca contradizem nossos desejos. Nessa perspectiva, sempre escolhemos o que mais desejamos no momento em que decidimos. Em outras palavras, escolhemos pecar porque desejamos pecar. Como lemos em Tiago 1:14-15:

Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido. Então esse desejo, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter se consumado, gera a morte (Tiago 1:14-15).

Quando pensamos sobre nossos corações em termos de nossos compromissos e desejos, é fácil ver que o coração é essencial para tomar decisões éticas. Às vezes seguimos nossos bons compromissos e desejos para tomar decisões que aplicam corretamente a Palavra de Deus em nossas vidas. Em outras ocasiões, seguimos nossos compromissos e desejos malignos, recusando-nos a viver pela Palavra de Deus. Em ambos os casos, essas escolhas surgem de nossos corações.

Tendo falado de nosso coração como a faculdade mais geral que usamos quando aplicamos conhecimento, estamos prontos para olhar a vontade como uma faculdade existencial mais estreita e mais específica para fazer escolhas morais.

VONTADE

Nossa vontade é nossa capacidade de tomar decisões. É nossa volição, nossa capacidade de fazer escolhas. Então, cada vez que fazemos uma escolha ou uma decisão, estamos usando nossa vontade.

Como todas as nossas faculdades existenciais, nossa vontade é uma perspectiva de toda a nossa pessoa. Portanto, não devemos cometer o erro de pensar que está em tensão com nossas outras capacidades e habilidades. Em vez disso, falar de nossa vontade é ver todo o nosso processo de tomada de decisão a partir da perspectiva das escolhas que fazemos e, especialmente, da perspectiva do resultado final.

É claro que tomar a decisão certa é difícil porque nossa vontade é afetada por nossa natureza caída. Para o cristão, isso significa que, enquanto o Espírito Santo nos capacita a tomar decisões que agradam a Deus, há sempre a possibilidade de que o pecado interior nos persuadirá a tomar decisões pecaminosas.

Agora, é importante reconhecer que nossa vontade pode ser ativa ou passiva. Isto é, às vezes tomamos decisões de maneira passiva e inconsciente, como por força do hábito. Mas em outros momentos, as questões éticas que enfrentamos exigem reflexão ativa e decisões conscientes.

Considere, por exemplo, a maneira ativa de usar minha vontade quando tiver a oportunidade de roubar uma joia valiosa. Quando vejo as jóias, tenho que fazer uma escolha ativa e consciente para roubar ou não roubar. De fato, podemos ir tão longe a ponto de dizer que toda questão ética que reconhecemos como um problema ou dilema requer que usemos nossa vontade de maneira ativa simplesmente pelo fato de reconhecê-la como um problema.

Mas há muitas outras questões éticas que lidamos de maneira passiva e inconsciente, como aquelas com as quais lidamos habitualmente, ou às quais respondemos de maneira reflexiva. Por exemplo, nossa vontade pode ser bastante passiva quando somos confrontados com escolhas que fazemos regularmente, como quando disciplinamos nossos filhos. Agora, em algum momento, a maioria dos pais usou sua vontade ativamente para determinar que tipo de punição eles usarão para seus filhos, como palmadas, ou tirar privilégios, ou atribuir tarefas extras. Mas quando chega a hora de administrar a disciplina, nem sempre pensamos sobre a moralidade de nossas diferentes opções. Muitas vezes, simplesmente caímos em nosso padrão habitual.

Nossa vontade também funciona de maneira passiva e inconsciente quando respondemos por reflexo. Aqui eu tenho em mente aquelas decisões que parecem ser espontâneas ou mesmo forçadas a nós. Por exemplo, quando vejo um pássaro, acredito que tenha sido criado por Deus. Não é algo que eu tenha que pensar conscientemente, e não é apenas meu hábito pensar sobre esse tipo de coisa. Pelo contrário, é uma crença que vem a mim instantaneamente porque eu reconheço a mão de Deus em sua criação. No entanto, é um ato de vontade porque envolve uma decisão. Neste caso, a decisão é reconhecer Deus como o criador do pássaro.

Assim, de uma forma ou de outra, ativamente ou passivamente, nossa vontade está envolvida em cada um e em tudo o que escolhemos para pensar, dizer ou fazer. É a faculdade que usamos para tomar todas as decisões em nossas vidas. Então, se nossas decisões são para agradar a nosso Senhor, devemos submeter nossa vontade a ele a todo momento. Nós devemos querer o que a Palavra de Deus manda, e devemos permitir que o Espírito Santo, trabalhando dentro de nós, influencie nossa vontade de maneiras positivas. Como Paulo escreveu em Filipenses 2:13:

É Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele (Filipenses 2:13).

Ao longo desta lição, vimos que Deus nos deu muitas faculdades existenciais que desempenham papéis importantes na escolha do bem. Se negligenciarmos qualquer uma delas, corremos o risco de não sermos capazes de tomar decisões verdadeiramente morais. Mas para ter certeza de que entendemos como cada uma dessas habilidades e capacidades funciona em harmonia com as outras, vamos considerar uma instância em que Jesus exercitou todas essas capacidades e habilidades existenciais para tomar uma decisão ética. Em Mateus 12:9-13, lemos esta conta:

[Jesus] dirigiu-se à sinagoga deles, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. Procurando um motivo para acusar Jesus, eles lhe perguntaram: “É permitido curar no sábado?” Ele lhes respondeu: “Qual de vocês, se tiver uma ovelha e ela cair num buraco no sábado, não irá pegá-la e tirá-la de lá? Quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Portanto, é permitido fazer o bem no sábado”. Então ele disse ao homem: “Estenda a mão”. Ele a estendeu, e ela foi restaurada, e ficou boa como a outra (Mateus 12:9-13).

Consideremos este evento em termos de nossa lição. Primeiro, Jesus adquiriu conhecimento. Ele usou sua experiência para ver e reconhecer que o homem diante dele tinha uma mão enrugada. Jesus também usou sua imaginação para estabelecer a meta de curar a mão do homem e considerar as várias maneiras pelas quais ele poderia responder à questão levantada pelos fariseus.

Em segundo lugar, Jesus avaliou seu conhecimento. Sua razão traçou uma analogia entre a prática legítima de resgatar uma ovelha no sábado e a ação que ele estava considerando, especificamente, curar um homem no sábado. E sua consciência concluiu que curar este homem seria uma boa coisa a fazer. Suas emoções fizeram com que ele tivesse compaixão do homem.

Terceiro, Jesus aplicou seu conhecimento. Ele começou a aplicação determinando em seu coração para fazer o bem. Seu compromisso mais forte era com Deus, e seu maior desejo era agir de uma maneira que honrasse e glorificasse a Deus, particularmente ao curar o homem. Finalmente, Jesus usou sua vontade para fazer e executar sua decisão de curar o homem.

Então, vemos que aplicar conhecimento é o passo final em cada uma das nossas decisões éticas. É onde nosso coração determina permanecer comprometido com nosso Deus, desejando glorificá-lo. E é onde nossa vontade escolhe pensar, falar e fazer o que sua Palavra exige.

CONCLUSÃO

Nesta lição sobre a escolha do bem, examinamos nossas várias faculdades existenciais, nossas habilidades e capacidades, em termos das três etapas de nosso

processo de tomada de decisões: a etapa de adquirir conhecimento onde coletamos informações; a etapa de avaliar o conhecimento onde avaliamos as informações que coletamos; e a etapa de aplicar conhecimento onde realmente fazemos e agimos em nossas escolhas éticas.

Escolher o bem deve ser o objetivo de todo cristão. Nós estudamos ética porque queremos fazer as escolhas certas. Examinamos a Palavra de Deus, nossas situações modernas e a nós mesmos para saber como tomar decisões que agradam ao Senhor. Ao longo desta série, vimos a importância de prestar atenção a todos esses fatores e muito mais. Mas afinal, depois de todo o nosso estudo, todo problema ético se resume a uma decisão existencial: você escolherá o que é bom? Sua resposta a essa pergunta determinará se você realmente tomou uma decisão bíblica.